

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

ELOGIO DE UM NOBRE EDUCADOR. CARTA A UM AMIGO.

FIGUEIREDO, Fidelino de

Ano: 1961 | Número: 71

Como citar este documento:

FIGUEIREDO, Fidelino de, Elogio de um nobre educador. Carta a um amigo. *Revista de Guimarães*, 71 (1-2) Jan.-Jun. 1961, p. 108-114.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Elogio de um nobre educador

(Carta a um Amigo)

Pelo Prof. Dr. FIDELINO DE FIGUEIREDO

Ex.^{mo} Snr. Professor RAUL XAVIER,

Casa Pia de Lisboa.

Meu caro Xavier: Se a firmeza do seu carácter não me fosse familiar de longa data, bastaria a sua fidelidade constante à memória do seu primeiro professor para ma revelar. Fernando Alfredo Palyart Pinto Ferreira, logo na aula primária, descobriu-lhe a vocação artística e orientou com paternal entusiasmo os seus estudos no sentido dessa vocação. E o Xavier foi escultor, construiu a sua obra e alcançou renome, como se documenta nas publicações que têm sido consagradas a tal obra. E uma indissolúvel amizade gratíssima o prendeu para sempre ao professor modesto, mas inteligentíssimo que foi esse excelente Palyart.

Conheci-o bem. Não recordo se o nosso convívio nasceu numa sociedadezinha de estudos pedagógicos, concebida por um reitor liceal com mentalidade de prefeito, no desígnio de prolongar o seu domínio sobre uns tristes professores proletários. Fui o primeiro secretário dessa curibeca. Mas um dia, assistindo a uma discussão animada sobre se os trabalhos escritos dos alunos deveriam ser emendados a tinta comum ou a lápis de cor, esqueci a minha condição de professoreco proletário, ainda estudante, e parti para o meu caminho livremente escolhido.

Palyart fazia parte daquela agremiação frustrada. Mas suponho que só vim a conhecê-lo bem no convívio estreito do Ministério da Instrução Pública, onde por proposta minha chefiou os serviços do ensino primário.

Ainda então não existiam Direcções Gerais. Nos anos, que mediaram entre a sociedade pedagógica e as funções no Ministério, não o perdi de vista, porque ele se fazia lembrar com a pontual remessa dos seus escritos. E foi esse conhecimento da elevação do seu espírito de perfeito educador que me levou a chamar a atenção do governo para ele e para os seus possíveis serviços.

Tal possibilidade foi uma realidade nos escassos dois anos da sua chefia do ensino primário. Só dois anos, porque mudou a situação política. Nesses tempos revoltos as posições de origem política eram como bens de sacristão: cantando vêm e cantando vão...

Nada já me ocorre acerca da sua actuação de chefe do ensino. Apenas tenho a vaga recordação de que o seu intelectualismo entusiasta e idealista, talvez mesmo cândido, pareceu a alguns oficiais do seu officio um pouco deslocado naquelas esferas governativas, onde se não pensava em ideias e teorias, mas só se visava a administrar situações de funcionários e, quando muito, em utilidades concretas e imediatas.

Palyart saiu do Ministério e regressou à sua modesta carreira docente, mas sem perder a fé no pensamento pedagógico. Eu recommencei as minhas viagens e em breve iniciei a série dos meus exílios compulsórios ou voluntários. Entre as nossas trajectórias divergentes o vínculo único era a sua obra escrita, que prosseguiu com maior madurez. Alguns encontros fortuitos e bondosas visitas davam-me a grata certeza da sua amizade fiel. Soube vagamente que não era feliz na sua vida privada. Sem nada perguntar, suspeitei que essa inquietação provinha de um incessante pendor do carácter português: abundância de coração. Desde que, pela diferenciação moral, constituímos uma raça histórica ou um matiz do conjunto ibérico, esse atributo se afirma teimosamente, correndo uma escala que vai da mais impetuosa e baixa sensualidade ao mais alado e puro sentimentalismo. Todos os portugueses têm sido românticos *avant la lettre*, por entre bravatas valentonas que reduzem os problemas mais subtis a disputas de forças, e lado a lado também com uma vaidade infrene que atira com as caravelas e os ossos dos heróis da Índia à cara dos outros. Com tais atributos de carácter, vivemos completamente fora da realidade, como se vê nos dias de hoje, em que opomos

à revolução intelectual e moral maior da História uma afitiva e cega incompreensão.

Por isso eu estimava os escritos de teoria pedagógica do nosso Palyart: não enfermavam da patriotice vaidosa do ambiente. Se vivendo como homem comum, não escapou aos estragos do seu coração portuguêsíssimo, pensando e escrevendo sobre matérias de educação, ergueu-se sobre os preconceitos e limitações tradicionais



O Professor Fernando Alfredo Palyart Pinto Ferreira
(1880+1946)

Medalha pelo Escultor Raul Xavier

do seu meio. Pelo contrário, fundava a educação sobre a instrução mais progressiva e mais franca ao movimento científico. Sinal dessa atitude sua foi o sonho de aplicar a tecnologia moderna à transmissão instantânea do saber por aparelhos de magia que de maneira fulminante volviam o labrego analfabeto em sábio. Foi no conto *O Bruxo de Salir* que nos expôs essa ingénua e santa utopia. Como seria a fisionomia deste mundo se a ignorância e a estupidez desaparecessem dos seus palcos? Haveria uma forma nova de criminalidade, parasitária do saber e da inteligência divorciadas do sentido ético. Antecipação desse fenómeno dá-no-la a descarada cor-

rida aos armamentos atómicos, porque esse perverso cinismo brotou e grassa em zonas sociais que não são estúpidas nem ignorantes...

Quanto escreveu este professor modesto, quase esquecido, mas incansável no seu fervor de ideias! Narrativas e contos de intenção didáctica e moralista, psicologia aplicada à educação, metodologia do ensino da história e do desenho, pormenores da técnica moderna da educação, correntes novas do pensamento pedagógico e até normas da delicadeza social. Bem sabia ele que a cortesia ou a civilidade, ou a prática das boas maneiras não expressa um formulismo vão e arbitrariamente convencional: tem suas fundações psicológicas, económicas e utilitárias, portanto racionais, e traduz a boa e pacífica arrumação social, o acatamento mútuo e a boa vontade de compreensão. Pensadores da altura de um Spencer e educadores da nobreza de um Giner de los Rios não se dedignaram de escrever sobre essa matéria, aparentemente bizantina.

A parte propriamente literária do labor escrito do nosso Palyart é coisa de tom menor. Ele não era um escritor na acepção rigorosa da nobre palavra: o homem que faz uso artístico das palavras para criar ficções que se sobrepõem à realidade ou que deduz dessa mesma realidade ideias para a interpretar, julgar e emendar. Os seus escritos literários constituíam apenas expedientes de difusão das suas intenções educativas. Mas os escritos pedagógicos, pela vastidão, pela variedade, pela séria especialização, formam a parte de tom maior da sua obra. Acabei de a repassar pelos olhos, não nos meus exemplares, muito difíceis de encontrar neste pélagos que me envolve, mas nos do Xavier, cuidadosamente ordenados, como documentação de uma constante amizade.

Ele concluí do meu novo exame que o nosso Palyart contraíu direito a uma relevante menção honrosa na história portuguesa da educação. Falo de história como realidade concreta já decorrida, não de reconstituição escrita dessa realidade ou historiografia pedagógica. Esta segunda ainda não foi redigida, embora se possuam preciosos materiais.

Característica da história da nossa educação constitui-a o volume valioso da teoria escrita ou da literatura pedagógica. A verificação deste facto determinou o

alvitre que apresentei ao governo, há mais de quarenta anos, da organização da bibliografia pedagógica portuguesa. Aprovado, produziu uma portaria de designação de um professor para essa tarefa. Mas o designado não deu um passo, nem redigiu um só verbete.

As nossas instituições docentes, através dos séculos, não ostentaram uma viva originalidade, nem uma exacta correspondência às solicitações do meio: era a presença endémica do negro analfabetismo afligirá os melhores espíritos. Então verifica-se este facto doloroso: o contraste entre uma pobre realidade e uma rica teoria de ideias claras e oportunas na exposição de autores ilustres. O historiador João de Barros, do século XVI, e os poetas Castilho e João de Deus, do XIX, descem do seu sonho épico e dos seus devaneios líricos ao mundículo das primeiras letras para apresentar cartilhas ou panaceias que desfizessem a caligem. Ribeiro Sanches e Verney desenvolvem ideias que valem mais que a realidade do ensino do seu tempo. Garrett, desolado pelo abandono público da cultura feminina, quebra lanças por ela. E não haveria dificuldade em aduzir outros exemplos probatórios do zelo dos maiores portugueses pela geral elevação da mentalidade do seu país. Bastaria um pequeno esforço de memória ou um apressado folhear da obra de Ferreira Deusdado, *Educadores Portugueses*. O nosso Palyart figurará entre estes, provindo não do alto mundo da grande literatura, mas da penumbra do ensino elementar — nem por isso menos digno de apreço.

Se bem compreendi, o Xavier disse-me por meias palavras que ia rememorar o nome do seu professor e do amigo que lhe deu o impulso inicial e decisivo da sua carreira, e desejava a minha cooperação. Aqui a tem, não havendo indagado a forma da sua homenagem. É coisa bem insignificante, como faúlha de uma forja vasquejante, que nenhum fole reanimará. Comecei estas laudas em disposição jovial — a que me traz sempre a chegada jubilosa do sol primaveril, com sua festa de cores nos campos; e terminei-as em tristura opressiva — a que me infundem sempre o desapeço da inteligência e o desperdício dos seus melhores esforços.

Adéus. Um abraço de velha amizade.

Lisboa, 30 de Março de 1961.

ACHEGAS PARA UMA BIBLIOGRAFIA

Do Prof. FERNANDO ALFREDO PALLYART PINTO FERREIRA (*)

O TABALHO MANUAL E O DESENHO NA ESCOLA PRIMÁRIA. Tese relatada oficialmente no 4.º Congresso Pedagógico de Lisboa, em Abril de 1914.

OPINIÕES PEDAGÓGICAS. Separata do «Anuário da Casa Pia de Lisboa», 1913-1914.

MUSEUS ESCOLARES. Separata do «Anuário da Casa Pia de Lisboa», 1913-1914. Lisboa, 1914.

A ALMA INFANTIL E O DESENHO. Como os mais pequenos da Casa Pia vêem o monumento dos Jerónimos. Separata da «Revista de Educação». Lisboa, 1915.

A LEITURA PELO JOGO E O MÉTODO SCHULER NA MINHA CADEIRA DA CASA PIA DE LISBOA. Separata da «Revista de Educação». Lisboa, 1915.

O QUE JOGAM E COMO JOGAM OS ALUNOS DA CASA PIA DE LISBOA. Separata do «Anuário da Casa Pia de Lisboa», 1914-1915. Lisboa, 1915.

ESQUIÇO DE UM PROGRAMA PARA UMA CLASSE DE ANORMAIS. Separata do «Anuário da Casa Pia de Lisboa», 1914-1915. Lisboa, 1915.

O ANTIQUÁRIO. Peça infantil em um acto (O Teatro na Escola). Separata da «Revista de Educação». Lisboa, 1916.

INDÚSTRIAS E ARTES INFANTIS. Casa Pia de Lisboa. Com desenhos de Eduardo Romero, Saavedra Machado e Raul Xavier. Separata da «Revista de Educação». Lisboa, 1916.

O NOSSO PORTUGAL. LIÇÕES DE COISAS, ARTE E CIVISMO. Com uma apresentação do dr. António Aurélio da Costa Ferreira. Colaboração artística de Eduardo Romero, Saavedra Machado e Raul Xavier. Lisboa, 1916.

ARTE NA ESCOLA. O TRABALHO MANUAL NA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA. Edição da Soc. de Estudos Pedagógicos. Lisboa, 1916.

CASA PIA E JERÓNIMOS. Desenhos de Eduardo Romero. Lisboa, 1916.

ESCOLAS MÓVEIS. Comunicação à Soc. de Estudos Pedagógicos, em sessão de 5 de Janeiro de 1916. Separata da «Revista de Educação». Lisboa, 1916.

ARTE NA ESCOLA. O ENSINO DO DESENHO NA ESCOLA PRIMÁRIA. Edição da Soc. de Estudos Pedagógicos. Lisboa, 1916.

COMO SE OBSERVA. N.º 1 de «Os livros do povo». Coleção dirigida pelo dr. A. Aurélio da Costa Ferreira. Edição de Pedro Bordallo Pinheiro. Lisboa, 1916.

O FÁCIAS PSÍQUICO E A CURVA DAS ENTRADAS NA ESCOLA. Soc. de Estudos Pedagógicos. Separata da «Revista de Educação», Lisboa, 1917.

MUTILADOS DA GUERRA. A REEDUCAÇÃO PROFISSIONAL EM FRANÇA EM 1917. Separata da «Revista de Educação». Lisboa, 1918.

(*) Aditamento da Redacção da «Revista de Guimarães»

AS CRIANÇAS ANORMAIS. Três lições no « Instituto de António Aurélio da Costa Ferreira ». Lisboa, 1930.

CONTOS. Quatro pequenos contos didácticos. Edições Paulo Guedes. Lisboa, 1932.

HISTÓRIA DE PORTUGAL. Exercícios. Edições Paulo Guedes. Lisboa, 1933.

CIÊNCIAS NATURAIS. Exercícios. Liv. Ferin. Lisboa, 1934.

HOMENS E FACTOS. BREVE PRONTUÁRIO DA HISTÓRIA DE PORTUGAL. Edições Paulo Guedes. Lisboa, 1934.

OS PORTUGUESES NA ETIÓPIA. Edições Paulo Guedes. Lisboa, 1935.

O BRUXO DE SALIR. Novela didáctica. Lisboa, 1936.

ALMAS SIMPLES. Contos didácticos. Porto, 1938.

SOBRE UM INQUÉRITO ÀS ESCOLAS DE LISBOA.

ALGUMAS NOTAS PEDAGÓGICAS.

O ESTUDO DA NATUREZA. Exercícios para o Ensino Secundário.

PEQUENO BREVIÁRIO DA HISTÓRIA DE PORTUGAL.

PRECEITOS DE DELICADEZA. ATITUDES, PALAVRAS E OBRAS DA GENTE BEM EDUCADA. Lisboa, 1938.